

GIAMBATTISTA VICO E A VIRAGEM DO *STATUS* CULTURAL NAPOLITANO DO FINAL DO SÉCULO XVII: UM DIAGNÓSTICO DO PRESENTE

Giambattista Vico and the turn of Neapolitan cultural status in the end of the 17th century: a diagnosis of the present.

Liliane Severiano Silva*

Resumo: O presente artigo busca realizar uma compreensão da viragem do *status* cultural napolitano no final do século XVII, abordando o período relativo à estada de Giambattista Vico em Vatolla: algo fundamental para o aprofundamento de seus estudos. Tal reflexão tem sua relevância no fato de que em tal período ocorre a ampla formação intelectual de Vico, segundo ele praticamente autônoma, porém determinante para o desenvolvimento de sua forma de pensar. Tal demora em Vatolla contribui também, quando de seu retorno a Nápoles, para a sua reflexão sobre as novidades presentes na cultura napolitana, totalmente modificada, por causa das intensas mudanças provocadas na orientação do saber e na expressão dos doutos. Entre tais mudanças destaca-se o cartesianismo e o modo como ocorreu o seu avanço em Nápoles, bem como de outras orientações de saberes: daí a preocupação viquiana com os problemas da vida civil e com os danos provocados à vida prática em virtude da unilateralidade do novo paradigma de ciência oriundo da reforma proposta pelo cartesianismo.

Palavras-Chave: Cultura napolitana. Cartesianismo. Vida civil. Ciência

Abstract: This article intends to understand the turn of Neapolitan cultural *status* in the end of the 17th century, focusing on the period when Giambattista Vico stayed in Vatolla: this period is fundamental for one to deepen the studies on Vico's work. This period is important because, at the time, Vico developed, according to himself, his broad intellectual background by his own efforts, which was crucial to the development of his thought. Once he returned to Naples, it became clear that his stay in Vatolla also contributed for his reflection on the new features present in the Neapolitan culture, which was totally modified because of the intense changes provoked in the orientation of knowledge and in the expression of the learned Neapolitan. Among these changes stands out the Cartesianism and the way as it and other guidelines progressed in Naples: in this context, Vico oriented his concerns to the civil life problems and to the damages caused to the practical life by the one-sided way of thinking of the new scientific paradigm originated from the Cartesian reform.

Keywords: Neapolitanian culture. Cartesianism. Civil life. Science

*Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), bolsista da CAPES.
Contato: liliane.severiano@usp.br

Introdução

O anúncio das questões obedece a certo critério desenvolvido conforme configura-se o *status* cultural napolitano no final do século XVII e início do século XVIII, uma vez que compreendemos ter sido esse período, fortemente marcado por intensas mudanças da mentalidade napolitana em diversos âmbitos do saber. Daí dividirmos a exposição em quatro momentos: no primeiro, *Vico e a estada em Vatolla*, destacamos que a presença de tais mudanças se reflete não somente na formação do pensamento de Vico, pois a sua preocupação é com a vida civil. A seguir, em *O retorno viquiano à Nápoles: novo status cultural* explicitamos a presença das ideias cartesianas na viragem cultural napolitana e a polêmica contra as influências escolásticas marcam o ambiente intelectual de Nápoles, no qual Vico já não encontrava nenhuma identidade intelectual, presente também no terceiro momento, a saber, *A presença cartesiana napolitana: Descartes e a reforma do saber*. Por fim, *O interesse viquiano pela vida civil* revela que a orientação filosófica do cartesianismo representa, assim, uma ameaça à vida civil dado os prejuízos desse modelo de saber para a integralidade antropológica do indivíduo e de suas disposições necessárias à vida associada.

Vico e a estada em Vatolla

Ao longo das páginas da *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*¹, ou simplesmente *Autobiografia*, redigida entre os anos de 1725 e 1728, percebemos que o seu conteúdo não é mera e simplesmente uma narrativa minuciosa da vida pessoal de Vico, retratada por ele mesmo. À medida que adentramos na leitura das páginas de sua *Autobiografia*, encontramos muito mais do que seria um relato pessoal de suas experiências, pois observamos no escrito viquiano um forte caráter documental: também um diagnóstico da situação napolitana após a viragem do *status* cultural no final do século XVII. Em tal escrito podemos identificar um Vico preocupado com as mudanças sofridas pela sua terra natal em um momento marcado pela efervescência de novos valores e formas de pensar.

Para compreendermos o período de transformações ocorridas em Nápoles, nos valem aqui de um importante acontecimento na vida pessoal e profissional de Vico, o qual adquire uma considerável relevância no que diz respeito à viragem cultural napolitana. Trata-se de sua permanência em Vatolla, na região do Cilento, que “durou bem nove anos”², pois lhe possibilitou, além de uma

¹ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1728]. In: *Opere Filosofiche*, Firenze: Sansoni, 1971. É preciso esclarecer aqui um aspecto importante sobre a escritura da *Autobiografia*, a saber, o fato de Vico a escrever em terceira pessoa, tal como na seguinte passagem, que principia o escrito: “O senhor Giambattista Vico [ele] nasceu” [“Il signor Giambattista Vico egli è nato”, p. 5]. Isto para se diferenciar da intenção autobiográfica de René Descartes, presente no *Discours de la methode*, narrada em primeira pessoa, pois, na *Autobiografia*, Vico pretende explicitar o percurso de seus estudos, “com ingenuidade devida a um historiador” [“con ingenuità dovuta da istorico”, p. 6], adotando o distanciamento necessário para narrar a sua própria vida. Importante salientar ainda que, nesse período, Vico já havia escrito a maioria de suas obras, entre elas *Il Diritto Universale* [1720] e a primeira edição da *Scienza Nuova* de 1725.

² VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 9: “avendo dimorato ben nove anni”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

experiência profissional ao longo de sua vida, a de professor, e não de advogado como desejava o seu pai, permitiu-lhe também uma vasta formação intelectual, insuficiente durante a sua vida escolar.

Os estudos empreendidos em Vatolla vêm tratados em sua *Autobiografia*, revelando a ampla natureza de seu conteúdo. Nesse sentido é importante ressaltar o aspecto autodidata com que Vico os conduziu desde a adolescência, em que ele permaneceu “vagando (...), fora do correto curso de uma bem regulada primeira juventude”³. A permanência em Vatolla significou, portanto, um enriquecimento da sua formação intelectual. Daí ele se reportar a esse período como aquele momento em que “fez o maior curso dos seus estudos”⁴.

Convém destacar que as leituras realizadas por Vico durante essa estada compreendiam obras tanto filosóficas quanto de outros domínios do saber, destacando, por exemplo, o nome de Cícero, e de poetas como Horácio, Boccaccio, Dante e Petrarca, além de leis e cânones do direito⁵. São recorrentes as referências “à moral dos antigos gregos, principiando por aquela de Aristóteles”⁶; e também aos estudos da “metafísica de Platão (...) [que] funda uma moral sobre uma virtude ou justiça ideal, ou seja, arquiteta”⁷, isto no que diz respeito a alguns temas da Filosofia.

O testemunho viquiano a respeito da permanência em Vatolla apresenta também um caráter crítico com relação às transformações ocorridas em Nápoles. Para além de seus efeitos refletidos na ordem dos seus estudos, o período em Vatolla, lhe conferiu certo distanciamento, tanto espacial, quanto temporal, em relação às influências do momento vivido pela cultura napolitana⁸. Nesse sentido, o leitor pode observar que o texto viquiano realiza um diagnóstico de tais mudanças culturais, retratando o impacto delas sobre a vida cultural e no certo desaparecimento da identidade do universo cultural da cidade. Vico observa que as antigas características da cultura de um lugar, ainda com uma tradição bastante arraigada, se transformaram:

³ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 6: “errando (...) fuori del dritti corso di una ben regolata prima giovinezza”.

⁴ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 9: “fece il maggior corso degli studi suoi”.

⁵ De acordo com Pietro Giordano “o período de nove anos em que (Vico) permaneceu em Vatolla, abre uma fresta de luz sobre o confuso processo de formação espiritual e cultural da sua personalidade de filósofo, induzindo o leitor a individuar em tal época uma das etapas fundamentais da sua vida; efetivamente parece crível que naquele período de pesquisas e de intensas leituras o Nosso tenha adquirido aquela vasta erudição histórica, filosófica, literária, jurídica, que constituirá então a matéria das suas obras mais célebres”. [“il periodo di nove anni in cui (Vico) soggiornò a Vatolla, apre uno spiraglio di luce sul confuso processo di formazione spirituale e culturale della sua personalità di filosofo, inducendo il lettore ad individuare in tale epoca una delle tappe fondamentali della sua vita; effettivamente sembra credibile che in quel periodo di ricerche e di intense letture il Nostro abbia acquistato quella vasta erudizione storica, filosofica, letteraria, giuridica che costituirà poi la materia delle sue opere più celebri”]. (Cf. GIORDANO, P. *Vico filosofo del suo tempo*, Padova: Cedam, 1944, p. 11).

⁶ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 10: “alla morale degli antichi greci, dandovi principio da quella di Aristotele”.

⁷ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 14: “metafísica di Platone (...) fonda una morale sopra una virtù o giustizia ideale, o sia, architeta”.

⁸ A estada em Vatolla vem tratada por muitos estudiosos como o “isolamento de Vico em Vatolla”, significando, com isso, a figura de um pensador isolado em relação às questões de seu tempo, detentor de opiniões excêntricas e anacrônicas. Não nos deteremos aqui nos detalhes de tal mito historiográfico, pois, bem diferente dessa representação, Vico apresenta em seus textos uma atitude crítica em relação às transformações ocorridas em Nápoles (Cf. GIORDANO, P. *Vico filosofo del suo tempo*).

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

Então, por todas essas coisas, Vico bendisse não ter ele possuído mestre em cujas palavras tivesse que jurar, e agradeceu aquelas florestas, entre as quais, guiado pelo seu bom gênio, havia feito o maior curso dos seus estudos sem nenhuma afeição por seita, (...), na qual, como a moda, se modificava a cada dois ou três anos o gosto pelas letras⁹.

O episódio de Vatolla deve ser compreendido como um momento de interseção na vida de Vico¹⁰, pois observamos na orientação de seus estudos um conteúdo não mais em voga na formação dos jovens. Por meio do olhar viquiano desse período, o leitor relembra uma Nápoles ainda fortemente influenciada pela escolástica e pelo aristotelismo, com modelos de educação influenciados pela tradição jesuítica, bem como a presença da língua latina na formação. O ideal da “república das letras”, isto é, o da valorização de uma tradição que primava pela erudição com o estudo da poesia, literatura, história, eloquência, que tanto marcara o Humanismo renascentista italiano, havia sido suplantado por outras orientações de saber.

Observamos na seguinte passagem a preocupação viquiana em explicitar o curso dos seus estudos, a fim de que o leitor possa compreender as razões que o levaram a uma crítica da cultura do seu tempo:

Não se fingirá aqui o que astutamente fingiu Renè Descartes acerca do método dos seus estudos, para elevar somente a sua filosofia e matemática e aterrar todos os outros estudos que cumprem a divina e humana erudição; mas, com ingenuidade devida a um historiador, se narrará fio por fio e com sinceridade a série de todos os estudos de Vico, para que se conheçam as próprias e naturais razões de sua tal e não outra condição de literato¹¹.

⁹ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 17: “Talché, per tutte queste cose, il Vico benedisse non aver lui avuto maestro nelle cui parole avesse egli giurato, e ringraziò quelle selve, fralle quali, dal suo buon genio guidato, aveva fatto il maggior corso dei suoi studi senza niun affetto di setta, (...), nella quale, come moda, si cangiava ogni due o tre anni gusto di lettere”.

¹⁰ É importante destacar que a sua estada em Vatolla não significou, porém, um total isolamento, pois Vico intercalava os seus estudos com algumas idas a Nápoles (Ver aqui DE RUGGIERO, M. G. *La Napoli gentile di Giambattista Vico. Curiosità, storie e suggestioni*. Napoli: Grimaldi & C. Editori, 2008, pp. 51-81). Antes da partida viquiana para Vatolla, Nápoles era campo de um intenso debate de idéias e, ao mesmo tempo, de adeptos das mais diferentes doutrinas, daí ele dizer: “para saber ordenadamente os progressos de Vico nas filosofias, faz-se aqui necessário voltar um pouco atrás: porque no tempo em que ele partiu de Nápoles, estava se começando a cultivar a filosofia de Epicuro com base em Pier Gassendi; e dois anos depois teve notícia que a juventude se aplicou plenamente a celebrá-la” [“per sapere ordinatamente i progressi del Vico nelle filosofie, fa qui bisogno ritornare alquanto indietro: ché, nel tempo nel quale egli partì da Napoli, si era cominciata a coltivare la filosofia di Epicuro sopra Pier Gassendi, e due anni dopo ebbe novella che la gioventù a tutta voga si era data a celebrarla”]. (VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 13).

¹¹ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 6: “Non fingerassi qui ciò che astutamente finse Renato delle Carte d’intorno al metodo de’ suoi studi, per porre solamente su la sua filosofia e matematica ed atterrare tutti gli altri studi che compiono la divina ed umana erudizione; ma con ingenuità dovuta da storico, si narrerà fil filo e con ischietezza la serie di tutti gli altri studi del Vico, perchè i conoscano le proprie e naturali cagioni della sua tale e non altra riuscita di literato”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

Para o leitor, o momento em Vatolla pode significar ainda a passagem de um paradigma cultural para outro: o percurso intelectual viquiano apresentado na *Autobiografia* se confunde com a mudança do *status* cultural napolitano. Em tal escrito destaca-se uma atenção às possíveis conseqüências decorrentes do abandono de determinada forma de pensamento, aquela oriunda da cultura clássico-humanista, suplantada por outra, a saber, a da nova crítica.

A cidade de Nápoles, no período compreendido entre o final do século XVII e início do século XVIII, passava por intensas transformações. O centro da cultura italiana deslocou-se de Florença, na época do Renascimento, para Nápoles. A situação napolitana apresentava-se basicamente em meio a debates entre aqueles que sustentavam uma posição tradicionalista do saber e os *novatores*, representantes das idéias modernas no âmbito da ciência. Nesse período Nápoles recebeu um intenso afluxo de idéias modernizantes do restante da Europa, ao mesmo tempo em que ainda respirava fortemente os ares da escolástica medieval, além da existência de remanescentes da cultura clássico-humanista¹². Daí Vico observar:

Aquela de Aristóteles (a física), tanto em si mesma, quanto pelas excessivas alterações dos escolásticos, já havia se tornado uma fábula. A metafísica (que no *Cinquecento* acomodou na ordem mais sublime da literatura os Marsilio Ficino, os Pico della Mirandola, juntamente com os Augustino e Nifo e Steuchio, os Giacopo Mazzoni, os Alessandro Piccolomini, os Mateo Aquavivi, os Francesco Patrizio (são os nomes dos representantes máximos do platonismo renascentista), e que tanto haviam contribuído para a poesia, para a história, para a eloquência, que, toda a Grécia, no tempo em que foi mais douta e bem falante, parecia ter na Itália ressurgido), permaneceu digna de estar encerrada nos claustros. (...) Os intérpretes da razão civil caíram da sua alta reputação na academia, (...) O muito erudito Lionardo di Cápua havia convertido a boa fala toscana em prosa, vestida de toda graça e beleza; mas com essas virtudes não se ouvia oração que fosse ou animada pela sabedoria grega no manejar os costumes, ou revigorada pela grandeza romana em comover os afetos¹³.

¹² Vico observou uma enorme lacuna no paradigma cultural napolitano. Em tão pouco tempo, Nápoles havia abandonado a *ratio studiorum* jesuítica de orientação aristotélico escolástico, incidindo diretamente no modelo cientificista da Modernidade, de inspiração cartesiana, ao mesmo tempo em que desconsiderou toda uma tradição clássico-humanista renascentista em que a preocupação com a *vita activa*, cujo berço havia sido a própria Itália, em especial, Florença.

¹³ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, pp. 16-17: “Quella di Aristotile, (física) e per sé e molto più per le alterazioni eccessive degli scolastici, era già divenuta una favola. La metafisica (che nel Cinquecento aveva allogato nell’ordine più sublime della letteratura i Marsili Ficini, i Pici della Mirandola, amendue gli Augustini e Nifo e Steuchio, i Giacopi Mazzoni, gli Alessandri Piccolomini, i Mattei Acquavivi, i Franceschi Patrizi, ed aveva tanto conferito alla poesia, alla storia, all’eloquenza, che tutta Grecia, nel tempo in cui fu più dotta e ben parlante, sembrava essere in Italia risurta) era ela riputata degna di star racchiusa ne’ chiostri. (...) Gli interpreti antichi della ragion civile erano caduti dall’alta riputazione nell’ademia, (...) L’eruditissimo Lionardo da Capova aveva rimessa la buona favella toscana in prosa, vestita tutta di leggiadria; ma con queste virtù non udivasi orazione o animata dalla sapienza greca nel maneggiare i costumi o invigorita dalla grandezza romana in commuover gli affetti”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

Podemos destacar, como exemplo desses debates, a existência das academias, em geral de orientação científico-literárias, que reuniam doutos de diversas áreas do saber¹⁴. Algumas delas exerciam um papel de considerável relevância, uma vez que traziam consigo um patrimônio de influências inovadoras, tal como a *Accademia degli Investiganti*¹⁵, considerada pelo caráter de modernidade conferido às suas influências marcadamente cartesianas¹⁶.

Importa ainda citarmos a *Accademia del Medinacoeli* – ou Academia Palatina – na qual Vico teve uma breve participação, quando escreveu seu *Delle cene sontuose de’romani*¹⁷, um de seus

¹⁴ Segundo Andrea Battistini “Vico sempre foi apreciador convicto do papel cultural das academias”. A primeira edição dos *Principi di una Scienza Nuova*, de 1725, Vico a dedicou às Academias da Europa, por considerar o lugar onde se faz presente a erudição (Cf. BATTISTINI, A. *Note*. In: VICO, G. *Opere*. Milano: Mondadori, p. 1247: “Vico fu sempre estimatore convinto del ruolo culturale delle accademie”).

¹⁵ A respeito da relevância da *Accademia degli Investiganti* na cultura napolitana destacamos: “Nápoles, centro europeu de primária importância, vivia, a partir da segunda metade do século XVII, um período de grande florescimento intelectual, cuja data, de início, vem coincidir com Francesco D’Andrea, notório advogado napolitano do tempo, com o retorno à Nápoles em 1650 de Tommaso Cornelio. (...) Com efeito, será Tommaso Cornelio juntamente com Leonardo di Capua a fundar nos anos sucessivos a *Accademia degli Investiganti*. (...) O que animava esses homens de ciência (a maior parte dos quais médicos e matemáticos) era a crítica à antiga concepção aristotelico-tomista e à doutrina médica de derivação galênica. Uma vez livres de todos os obstáculos da escolástica, das inúteis formas, qualidade e espécie, os *Investiganti* podiam dedicar-se à investigação sobre a natureza, valendo-se daqueles eficazes instrumentos que as novas teorias atomísticas (ou melhor ‘corpusculares’) pareciam oferecer”. [“Napoli, centro europeo di primaria importanza, viveva, a partire dalla seconda metà del Seicento, un periodo di grande fioritura intellettuale, la cui data d’inizio viene fatta coincidere da Francesco D’Andrea, noto avvocato napoletano del tempo, con il ritorno a Napoli nel 1650 di Tommaso Cornelio. (...) In effetti sarà Tommaso Cornelio insieme con Leonardo di Capua a fondare negli anni successivi l’*Accademia degli Investiganti*. (...) Ciò che animava questi uomini di scienza (la maggior parte dei quali erano medici e matematici) era la critica all’antica concezione aristotelico-tomistica e alla dottrina medica di derivazione galenica. Una volta sbarazzatisi da tutti gli impacci della scolastica, dalle inutili forme, qualità e specie, gli *Investiganti*, potevano dedicarsi all’indagine sulla natura, avvalendosi di quegli efficaci strumenti che le nuove teorie atomistiche (o meglio ‘corpuscolari’) sembravano offrire”]; (Cf. BORDOGNA, A. *Gli idoli del foro. Retorica e mito nel pensiero di Giambattista Vico*. Roma: Aracne, 2007, p. 19).

¹⁶ Segundo comentário de Cirillo, é importante indagar “quantas eram as academias napolitanas? Se nos referimos aos salões culturais em geral, é preciso responder que eram muitíssimas, e cada uma com sua especialização própria” (CIRILLO, A. *Napoli ai tempi di Giambattista Vico*. CUZZOLIN: Napoli, 2000, p. 184: “Quante erano le accademie napoletane? Se ci riferisce ai salotti culturali in genere, bisogna rispondere che erano tantissime, e ciascuna con una sua propria specializzazione”). O surgimento das Academias, consideradas centros de cultura formados pela reunião de intelectuais de diferentes âmbitos do saber, representou o advento das idéias inovadoras no ambiente cultural napolitano. Em sua maior parte, as Academias significaram a tensão entre as idéias tradicionalistas escolásticas – representadas pelos *antiquari* – e as novidades simbolizadas, em parte, pelas idéias cartesianas – os chamados *novatori* –, tal como a *Accademia degli Investiganti*. Além dos *Investiganti* existiram em Nápoles outras reuniões de eruditos, por exemplo, a *Accademia Palatina*, ou *Medinacoeli*, fundada pelo duque vicereí de Nápoles Medinacoeli, “através [da qual] os *novatores* obtiveram a mais ampla expressão, além do reconhecimento público, testemunhando a capacidade de atração que haviam alcançado as novas idéias no reino, mesmo [quando] depois que essas, oficializadas e ampliadas, começaram a se contaminar, a se moderar até voltar ao ventre da tradição” (Ibidem, p. 183: “attraverso l’*Accademia di Medinacoeli*, i *novatores* ottennero la più ampia espressione oltre che il pubblico riconoscimento, testimoniando la capacità d’attrazione che avevano raggiunto nel regno le nuove idee, anche se poi queste, ufficializzate e amplificate, cominciarono a contaminarsi, a moderarsi fino a rifluire nell’alveo della tradizione”). Em sua *Vita*, Vico faz uma alusão à *Accademia degli Infuriati*, da qual tomou conhecimento quando assistiu uma de suas conferências, em 1683. De acordo com Cirillo, “nessa academia, que depois mudou [seu] nome para *Accademia degli Uniti*, Vico foi admitido em 1692 com o nome de *Raccolto*” (Ibidem, p. 182: “In quest’*accademia*, che mutò, poi, il nome in *Accademia degli Uniti*, Vico fu ammesso nel 1692 col nome *Raccolto*”).

¹⁷ A respeito deste escrito ver aqui: “A lição viquiana é um convite a estimular o interesse pela história, também nos seus aspectos aparentemente menores, além do necessariamente restrito círculo de especialistas; contemporaneamente, é uma tentativa de aumentar os instrumentos de indagação da antiguidade. Em particular, queremos nos referir às passagens nas quais as modernas concepções físico-médicas são usadas para

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

escritos históricos. Em tal Academia destacamos as influências político-literárias fortemente humanistas. Criada por iniciativa do próprio Vice-rei de Nápoles, duque de Medinacoeli, a Academia Palatina representou, para Vico, a “restituição em Nápoles [do] ilustre das boas letras”¹⁸.

Além de representar a participação de Vico no cenário público da erudição napolitana, a *Accademia del Medinacoeli* simboliza a tentativa de conferir um considerável destaque ao tratamento das obras da cultura clássica, privilegiando temas relativos à história, à literatura e à política. Tal academia, no entanto, teve curta produção e duração, pois a sua menção se faz em relação à existência de outros redutos acadêmicos, como a academia galileana das ciências e à reconhecida *Accademia degli Investiganti*¹⁹.

No seu retorno definitivo, Vico encontrou uma cidade já bastante efervescente, por causa das intensas mudanças provocadas pelas diferentes orientações intelectuais lá presentes, na expressão de alguns doutos. Nomes como Gassendi, Locke e Descartes ganhavam espaço entre as discussões da moderna Nápoles. Segundo lemos na *Autobiografia*: “próximo ao fim da sua solidão, (...), teve notícia de ter a física de Renè Descartes obscurecido a fama de todas as [físicas] passadas”²⁰. Sobre tais mudanças no *status* cultural desse período, Vico escreve ainda:

compreender melhor usos e costumes antigos”. [“La lezione vichiana è un invito a stimolare l’interesse per la storia, anche nei suoi aspetti apparentemente minori, al di là della necessariamente ristretta cerchia di specialisti; contemporaneamente, è un tentativo di aumentare gli strumenti di indagine dell’antichità. In particolare, intendiamo riferirci ai passi nei quali le moderne concezioni fisico-mediche vengono usate per comprendere meglio usi e costumi antichi”]; (MAZZOLA, R. *Vico all’Accademia del Medinacoeli*. Bollettino del Centro di Studi Vichiani XX (1990), p. 138.)

¹⁸ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 19: “restituito in Napoli il lustro delle buone lettere”.

¹⁹ Já a herança dos *Investiganti*, composta em sua maior parte por médicos, matemáticos e astrônomos, contribuiu para acirrar os debates no âmbito da chamada ciência moderna. Grandes transformações se processaram no interior da prática médica. Nesse período as orientações experimentalistas se difundiam na Medicina, opondo-se à tradicional medicina galênica. Nomes como o do médico Carlo Musitano, célebre experimentalista calabrês, é um exemplo da influência de Tommaso Cornelio nos rumos da ciência médica napolitana. Como Vico observa na seguinte passagem a respeito da prática médica: “A medicina, pelas freqüentes mudanças dos sistemas de Física, caiu no ceticismo, ficando na *catalepsia*, ou seja, na incompreensão do verdadeiro acerca da natureza das doenças e adiando na época, ou seja, a defesa do consentimento a dar juízos e aplicar remédios eficazes. A galênica, a qual cultivava antes a filosofia e a língua gregas, deu tantos médicos incomparáveis, agora pela grande ignorância dos seguidores destes tempos, caiu em um supremo desprezo” [“La medicina, per le sue spesse mutazioni de’ sistemi di fisica, era decaduta nello scetticismo, a stare sull’*acatalepsia* o sia incomprendevolità del vero circa la natura dei morbi e sospendersi sull’epoca o sia sustentation dell’assenso a darne i giudizi e adoperarvi efficaci rimedi; e la galenica, la quale, coltivata innanzi con la filosofia greca e con la lingua latina, aveva dato tanti medici incomparabili per la grande ignoranza dei suoi seguaci di questi tempi era andata in sommo disprezzo” (Cf. VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 17)]. Na *Vita* Vico não faz nenhuma menção à Academia dos *Investiganti* propriamente dita, mas demonstra conhecimento de seus integrantes, como Lionardo di Cápua [“aveva rimessa la buona favella toscana in prosa, vestita tutta di grazia e di leggiadria” (Cf. *Autobiografia*. p. 17)], e Tommaso Cornelio [“co’ suoi purissimi *Proginnasmi* aveva piuttosto sbigottiti gl’ingegni de’ giovani”]; (Cf. *Autobiografia*, p. 17).

²⁰ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 14: “Verso il fine della sua solitudine, (...), ebbe notizia aver oscurato la fama di tutte le passate la fisica di Renato delle Carte”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

Dentro de pouco tempo ele [Vico] soube que se valorizou a física experimental motivo pelo qual se bradava em todo lugar de Robert Boyle; a qual ele julgava ser aproveitável para a medicina e para a farmacêutica, tanto que a queria o mais distante possível de si, porque nada conferia à filosofia do homem e porque se devia explicar com maneiras bárbaras, e ele principalmente atendia ao estudo das leis romanas, cujos principais fundamentos são a filosofia dos costumes humanos e a ciência da língua e do governo romano, que se aprende unicamente com os escritores latinos²¹.

Nápoles foi, portanto, ambiente de muitas polêmicas. O clima de aceitação das idéias cartesianas contrastava com a resistência a esse método por parte dos intelectuais escolásticos: ainda muito presentes entre os napolitanos²². Em meio a esse embate de idéias se encontrava a figura de Vico. A modernidade do pensamento de Descartes encontrava, porém, adeptos e opositores das novas tendências, e,

de fato, no maior fervor que se celebrava a física cartesiana, Vico, recebido em Nápoles, escutou-o várias vezes dizer do senhor Gregorio Caloprese, grande filósofo cartesiano, ao qual Vico foi muito caro. Mas na unidade das suas partes, de nada consta em um sistema a filosofia de Descartes, porque à sua física conviria uma metafísica que estabelece um único gênero de substância corpórea, operante, como se disse, por necessidade, como aquela de Epicuro, um único gênero de substância corpórea, operante por acaso; embora nisso bem concorda Descartes com Epicuro, que todas as várias formas infinitas dos corpos são modificações da substância corpórea, que na substância são nada²³.

Logo as tensões entre os galênicos tradicionalistas e *novatores* ganharam destaque também no âmbito religioso. A autoridade religiosa se viu ameaçada ante as transformações das doutrinas adotadas na condução dos tratamentos das doenças do período, o que caracterizava uma postura de certa liberdade nas matérias relacionadas à vida dos doentes. As novas estratégias terapêuticas refletiam já a existência de pressupostos teóricos relacionados à ordem do causal, de como certos

²¹ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 14: “A capo di altro poco tempo seppe egli ch’era salita in pregio la fisica sperimentale, per cui si gridava da per tutto Roberto Boyle; la quale egli giudicava esser proffitevole per la medicina e per la spagirica, tanto esso volle da sé lontana, tra perché nulla conferiva alla filosofia dell’uomo e perché si doveva spiegare con maniere barbare, ed egli principalmente attendeva allo studio delle leggi romane, i cui principali fondamenti sono la filosofia degli umani costumi e la scienza della lingua e del governo romano, che unicamente si apprende sui latini scrittori”.

²² Alguns representantes da escolástica se apresentam contrários às idéias de Descartes e de Gassendi, por serem ‘atomistas e herdeiros de Epicuro’, e ainda de ter fomentado o ateísmo na filosofia de Spinoza.

²³ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 15: “E, infatti, sul maggior fervore che si celebrava la fisica cartesiana, il Vico ricevutosi in Napoli, udillo spesse volte dire dal signor Gregorio Caloprese, gran filosofo renatista, a cui il Vico fu molto caro. Ma, nell’unità delle sue parti, di nulla costa in un sistema la filosofia di Renato, perchè alla sua fisica converrebbe una metafisica che stabilisce un solo genere di sostanza corporea, operante, come si è detto, per necessità come a quella di Epicuro un sol genere di sostanza corporea, operante a caso; siccome in ciò ben conviene Renato con Epicuro, che tutte le infinite varie forme de’corpi sono modificazioni della sostanza corporea, che in sostanza son nulla”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

males podem ser evitados por meio da experimentação farmacêutica. As críticas empreendidas pela Igreja Católica conferiram uma notoriedade de ateísmo a essas práticas e às doutrinas norteadoras da nova orientação da medicina:

O agitadíssimo processo napolitano e o movimento de opinião que este havia suscitado tornavam ardentes os tons dos debates sobre as ciências, sobretudo, porque por trás dos debates teóricos se ocultavam conflitos, de um lado, de consolidados privilégios de classe em relação ao controle de particulares disciplinas e relativas práticas científicas, por outro, o futuro destino da discussão sobre a ciência. Não havia dúvida, de qualquer modo, que no terreno da medicina se estava combatendo uma batalha pela *libertas philosophandi*²⁴.

As acusações do clero envolviam as teorias de Descartes, Gassendi, Paracelso, entre outros, adotadas pelos homens de ciência daquele período. Estão aqui estritamente ligadas Filosofia e progressos na medicina. Musitano, o principal alvo das críticas dos tradicionais, “além da arte médica, havia também aprofundado o estudo da Gramática e da Retórica: o seu primeiro tratado publicado era um precioso manual de gramática”²⁵.

Ao considerarmos o *Carteggio* viquiano relativos aos anos 1720-1729, período relativo ao da composição da *Autobiografia*, não existem alusões ao período de Vatolla. No entanto a relevância dessas correspondências reside no fato de elas registrarem o descontentamento de Vico em relação ao declínio da erudição experimentado após o advento da nova *ratio studiorum*. Diferente da recepção das idéias cartesianas, acolhidas com grande entusiasmo por grande parte dos intelectuais napolitanos, as obras de Vico não obtiveram o mesmo tratamento. Vico ressalta a indiferença com que as suas obras, em especial aquelas anteriormente citadas, *Il Diritto Universale* e a *Scienza Nuova prima*, foram recebidas pelos doutos de sua cidade. Com relação à repercussão de sua *Scienza Nuova*, ele diz:

como livro que, ou desgosta ou desagrada a muitos, não pode conseguir o aplauso universal. (...) hoje o mundo ou flutua ou ondula entre as tempestades que movem os costumes humanos segundo o “acaso” de Epicuro, ou é fixado segundo a “necessidade” de Descartes²⁶.

²⁴ CAMBI, M. *Giacinto Gimma e la Medicina nel suo tempo. Storia di un polemica nella Napoli di Giambattista Vico*. In: Bollettino del Centro di Studi Vichiani (1990), Napoli, p. 173: “Il concitadissimo processo napoletano ed il movimento d’opinione che esso aveva suscitato rendevano rovente il tono dei dibattiti sulle scienze, soprattutto perchè dietro dibattiti teorici si celavano conflitti riguardanti da un lato consolidati privilegi di ceto in relazione al controllo di particolari discipline e relative pratiche scientifiche, dall’altro il futuro destino della libera discussione sulla scienza. Non c’era dubbio, comunque, che sul terreno della medicina si stava combattendo una battaglia per la *libertas philosophandi*”.

²⁵ CAMBI, M. *Giacinto Gimma e la Medicina nel suo tempo. Storia di un polemica nella Napoli di Giambattista Vico*, p. 182: “oltre all’arte medica, aveva anche approfondito lo studio della grammatica e della retorica: il suo primo trattato pubblicato era appunto un prezioso manualetto di grammatica”.

²⁶ VICO, G. *Lettere*. In: *Opere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007, 4ª ed., pp. 322-323: “come libro che o disgusta o disagia i molti, non può conseguire l’applauso universale. (...) Ma oggi il mondo o flutua o ondeggia tra le tempeste mosse a’ costumi umani dal ‘caso’ di Epicuro, o è inchiodato e fisso alla ‘necessità’ del Cartesio”.

O retorno viquiano à Nápoles: novo *status* cultural

Depois de sua estada em Vatolla, Vico retorna definitivamente à Nápoles em 1695. Ao chegar, percebeu inúmeras transformações em sua cidade, principalmente no contexto intelectual. Ele constatou, quase de imediato, a rápida mudança das orientações culturais prevalentes em Nápoles até bem pouco tempo atrás. Suas impressões, já iniciadas desde Vatolla, refletem um posicionamento, espécie de reação ao esquecimento da tradição em vigor no *Cinquecento* por parte dos doutos da época.

É na leitura do *Carteggio* viquiano que encontramos um conjunto de impressões documentadas pelo autor acerca do novo *status* cultural napolitano²⁷. A forma da recepção das “tendências da cultura européia”²⁸ constitui a configuração da cultura napolitana. O *Carteggio* retrata o diálogo – ou pelo menos a tentativa de diálogo – empreendido por Vico no envio de correspondências a intelectuais de seu tempo, contendo informações a respeito da situação cultural napolitana. A decadência no universo do saber e da cultura, representada pela crise do *ingenium* na Europa, põe em risco um *ethos* que privilegia certas disposições relacionadas à vida associada. Percebemos em Vico, portanto, a defesa da vida comunitária oposta ao ideal de *Eu puro* cartesiano, cujo diagnóstico identifica tal crise do *ingenium* à questão do abandono dos *studia humanitatis*. A esse respeito, Vico argumenta:

Os filósofos enfraqueceram os engenhos com o método de Descartes, pelo qual, apenas pagos pela sua clara e distinta percepção, naquela eles sem despesa ou fadiga encontram preparadas e abertas todas as livrarias. Onde as físicas não mais se põem à prova, para ver se regem sob as experiências; as morais não mais se cultivam, (...) as políticas muito menos, aprovando-se, para tudo que baste, uma feliz capacidade para compreender os negócios e uma destra presença de espírito para manuseá-los com vantagem²⁹.

²⁷ O seu estranhamento com relação a Nápoles justifica-se também em virtude do silêncio com que foi recebida a sua obra principal, *Scienza Nuova*, em sua primeira versão de 1725, uma vez que Vico atribuiu à presença dos “gostos delicados e nauseantes do século” (*Lettere*, p. 328) identificados ao método da nova crítica. Vico percebe, na difusão do cartesianismo, o abandono de estudos até então indispensáveis para a erudição humana. A recusa de se estudar línguas como o grego e o latim como uma considerável restrição à importância de conteúdos dessas línguas para a sua relevância científica. O aparecimento das traduções também auxiliou a difusão dos trabalhos recentes, representantes do espírito moderno da Europa.

²⁸ Carta ao padre De Vitry, de 20 de janeiro de 1726 (Cf. VICO, G. *Lettere*, p. 326: “Sulle tendenze della cultura europea”).

²⁹ VICO, G. *Lettere*, p. 327: “I filosofi hanno intiepiditi gl’ingegni col metodo di Cartesio, per lo qual, solo paghi della lor chiara e distinta percezione, in quella essi senza esesa o fatica ritrovano pronte ed aperte tutte le librerie. Onde le fisiche non più si pongono a cimento, per vedere si reggono sotto l’esperienze; le morali non più si coltvano, (...) le politiche molto meno, approvandosi da per tutto che basti una felice capacità per comprendere gli affari ed una destra presenza di spirito per maneggiarli con vantaggio.”

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

Segundo Vico, a proposta da nova *ratio studiorum* analítica, com suas idéias inovadoras, provoca o abandono de uma tradição fortemente influenciada pelos *studia humanitatis*. Daí ele observar a situação cultural da sua cidade sujeita a riscos no que diz respeito à conservação da vida social e a invenção, uma vez que a nova orientação intelectualista de ciência afasta toda orientação retórico-humanista voltada para o viver civil. Nesse sentido, Vico adverte:

Mas desta cidade eu posso dar-lhes esta notícia: que, [como provém] dos homens sábios aqui se vive persuadido de que, se a Providência divina por uma de suas infinitas e para todo discernimento humano e ocultas vias, não a [Nápoles] revigora nem a fortalece, já esteja perto do seu fim a república das letras³⁰.

Vico observa que a divulgação das idéias da modernidade representou o anseio dos doutos napolitanos de obter uma posição junto à cena moderna européia, algo que acarretou o abandono da tradição em outros âmbitos do saber. A sua crítica à versão vulgata da Bíblia, o escasso interesse pelos livros de jurisprudência romana, a rejeição à metafísica grega são alguns exemplos do diagnóstico realizado por Vico a respeito da situação em que se encontrava Nápoles quando de seu regresso de Vatolla. A sua reação foi de surpresa, ao ver transformações tão profundas em tão pouco tempo. Priorizava-se nos estudos o exercício puramente mental dos mecanismos lógico-dedutivos.

Livros de jurisprudência romana culta se apresentam pequenos e pouco espessos, unicamente provindos da Holanda. A medicina, caída no ceticismo, fica imóvel na ‘época’ do escrever. Certamente o legado da sabedoria grega terminou em metafísicas nada úteis, senão até nocivas, à civilidade, e nas matemáticas ocupadas em considerar as grandezas que não suportam linhas e compassos, as quais não possuem nenhum uso para as mecânicas, cujas duas espécies de estudos parecem que hoje vão expirar no justo ponto da mais refinada literatura presente. Por todas as partes do saber aqui enumeradas, se vê abertamente a necessidade que possuem os homens de letras de hoje de ascender ao gênio do século³¹.

A leitura do *Carteggio* viquiano revela-se, portanto, claramente crítica com relação às transformações ocorridas no ambiente cultural napolitano. A sua aparente posição “conservadora” apresenta uma preocupação bastante peculiar. A concorrência das idéias modernizantes no interior do

³⁰ VICO, G. *Lettere*, p. 326: “Ma di questa città io posso darle questa novella: che da’ savi uomini qui si vive persuaso che, se la Provvidenza divina, per una delle infinite sue occulte e ad ogni umano scorgimento nascoste vie, non l’invigorisca e rinfranca, sia già verso il suo fine la repubblica delle lettere”.

³¹ VICO, G. *Lettere*, p. 327: “Libri di giurisprudenza romana colta si fan vedere, e piccioli e radi, dalla sola Olanda. La medicina, entrata nello scetticismo, si sta anche sull’epoca dello scrivere. Certamente il fato della sapienza greca andò a terminare in metafisiche niente utili, se non pur dannose, alla civiltà, ed in matematiche tutte occupate in considerare le grandezze che non sopportano riga e compasso, le quali due sorti di studi sembra che oggi vada a spirare la più del suo giusto punto raffinata letteratura presente. Per tutte le quali parti dello scibile noverate, si vede apertamente la necessità che han gli uomini di lettere di oggidì d’ascendere al genio del secolo”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

pensamento italiano trouxe o esquecimento do fato de a Itália ter sido o berço e o principal expoente da cultura retórica do humanismo cívico renascentista, o qual valorizava sobremaneira o saber erudito como um pilar de sustentação da vida ativa em sociedade. Além da orientação clássico-humanista, ainda podemos indicar a forte presença da escolástica medieval, detentora ainda de muitos seguidores.

Para Vico, o formalismo racional não deve assumir uma instância prioritária na aquisição do conhecimento, em detrimento de outros procedimentos dos saberes. As idéias concebidas matematicamente podem acarretar o desprezo de outras orientações de estudos, que não podem ser compreendidas à luz de preceitos matemáticos, como a moral e a política. Segundo ele,

e aquela crítica, a qual, do que em cada circunstância o homem é posto, julga que cada coisa ele, em conformidade com ela, deva operar, que é uma crítica muito sábia do arbítrio humano, o qual é por sua natureza muito incerto, e por isso sumamente necessário aos homens de Estado; – ambas, além daquilo das filosofias morais, das quais unicamente perceberam os gregos, com o estudo infinito dos poetas, dos historiadores, dos oradores, e das línguas grega e latina que precisam para compreendê-los bem, foram, de fato, abandonadas. E foram abandonadas principalmente pela autoridade de Renè Descartes no seu método³².

A defesa da tradição, empreendida por Vico em sua *Autobiografia*, ultrapassa a intenção de uma simples crítica ao pensamento prevalente na modernidade. A sua preocupação é também com as condições da convivência entre os indivíduos em sociedade: a manutenção dos laços civis. Daí sua crítica ao cartesianismo considerar as conseqüências prejudiciais que tal filosofia e seu método podiam acarretar para o comportamento do indivíduo no tocante à vida civil. Vico observou que as instituições napolitanas aderiram prontamente ao modelo educacional do manual de lógica *L'art de Penser* – também conhecido como *lógica de Port-Royal*³³ –, escrito por Antoine Arnauld e Pierre Nicole, no qual, segundo palavras de Vico, “os jovens são transportados antes do tempo a crítica, (...) contra o curso natural das idéias (...) tornando a juventude árida e seca”³⁴.

Nesse sentido, a refutação viquiana objetiva essencialmente o cartesianismo. Vico entrevê a difusão de tal orientação filosófica em sua perspectiva mais prejudicial. Ele avalia que o primado da evidência racional, que valorizava uma atitude fundamentalmente cética, veio em substituição à tradição que primava pela articulação entre diversos saberes necessários à formação do indivíduo,

³² VICO, G. *Lettere*, p. 333: “e quella critica, la quale, da ciò che in ogni circostanza è posto l'uomo, giudica che ogni cosa egli in conformità di quella debba operare, che è una critica sappientissima dell'arbitrio umano, il quale per sua natura incertissimo, e perciò somamente necessaria agli uomini di Stato; - entrambe, oltre a quello delle morali filosofie, delle quali unicamente si intesero i greci, per lo infinito studio de' poeti, degli storici, degli oratori, e delle lingue greca e latina ch'abbisognan per ben intenderli, si sono affatto abbandonate. E si son abbandonate principalmente per l'autorità di Renato delle Carte nel suo metodo”.

³³ O manual francês *L'art de Penser*, também conhecido como a *lógica de Port-Royal* escrito por Arnauld e Nicole, foi redigido visando o ensino de lógica aos jovens. Ver aqui ARNAULD, A. et NICOLE, P. *La Logique ou l'art de penser* [1662]. France: Flammarion, 1970.

³⁴ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 12: “(...) i giovinetti, trasportati innanzi tempo alla critica, (...) contro il corso natural delle idee (...) ne diviene la gioventù arida e seca”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

ressaltando a importância prática dessa formação. O fundamento da filosofia cartesiana se erguia sobre o isolamento e a dúvida como pressupostos para se atingir o fim almejado pelos doutos modernos, a saber, a verdade. Vico comenta:

E a razão de tudo aquilo que escreveu é que, celebrando-se por toda parte o critério da verdade do mesmo Descartes, que é a percepção clara e distinta, o qual, não definido, é mais incerto do que aquelas de Epicuro, que o sentido evidente de cada um, o qual toda paixão nos faz parecer evidente, conduz facilmente ao ceticismo, o qual, desconhecendo as verdades nascidas em nós mesmos, pouco, ou melhor, não tem nenhum cuidado com aquelas que se devem receber de fora, que precisam ser encontradas com a tópica para fixar o verossímil, o senso comum e a autoridade do gênero humano; e por isso se desaprovam os estudos que para isso são necessários, que são aqueles dos oradores, dos historiadores, dos poetas e das línguas nas quais esses falaram³⁵.

A presença cartesiana napolitana: Descartes e a reforma do saber

A formação do quadro cartesiano em Nápoles encontra inúmeras peculiaridades, daí a importância da compreensão do percurso da crítica viquiana como do próprio movimento de aceitação e difusão do cartesianismo³⁶. A utilização do pensamento cartesiano no domínio científico e filosófico pelos expoentes da Modernidade napolitana suscita um questionamento. Levando em consideração a

³⁵ VICO, G. *Lettere*, p. 335: “E la ragione di tutto ciò che ha scritto è che, dappertutto celebrandosi il criterio della verità del medesimo Renato, che è la chiara e distinta percezione, il quale, non definito, è più incerto di quelle di Epicuro, che il senso evidente di ciascheduno, il qual ogni passione ci fa parere evidente, conduce di leggieri allo scetticismo, il quale, sconoscendo le verità nate dentro di noi medesimi, poco anzi niun conto tiene di quelle che si deono raccogliere dal di fuori, che bisognano ritrovarsi con la topica per fermare il verisimile, il senso comune e l'autorità del gener umano; e perciò si disapprovano gli studi che a ciò bisognano, che sono quelli degli oratori, degli storici e de' poeti e delle lingue nelle quali essi parlarono”.

³⁶ O pensamento filosófico europeu, durante o período compreendido entre o final do século XVII e início do século XVIII, passava por intensas transformações. O contexto italiano, em particular, vivenciava a experiência da mudança sofrida pela cidade de Florença em seu *status* cultural, já que agora o centro cultural passava a ser Nápoles. A Itália, em especial Florença, havia sido considerada o berço da cultura erudita italiana durante o apogeu do Renascimento. A Itália, sobretudo a cidade de Nápoles, foi terreno de muitas modificações concernentes ao modo de se pensar. Algumas dessas modificações se deram graças à recepção da filosofia cartesiana na cidade. Uma grande quantidade de intelectuais foi responsável pela aceitação das idéias cartesianas no contexto cultural napolitano. Pode-se aqui indicar alguns nomes importantes desse período: “médicos como Lionardo di Capua; filósofos e literatos como (Gregorio) Caloprese, (Paolo Mattia) Doria; matemáticos como Monforte, de Cristofaro, (Agostino) Ariani, e juriconsultos como Biscardi, Caravita, e outros tantos doutos e produtivos. Todos estes retiraram dos estudos napolitanos as velharias e do isolamento em que jaziam. E por eles penetraram e circularam em Nápoles os jornais literários, franceses, alemães, holandeses, que deram a conhecer o grau que alhures haviam alcançado as ciências e consentiram de manter informados de seus avanços”. (Croce, B. *Storia del Regno di Napoli*, Bari: Gius. Laterza & Figli, 1944, p. 168: “medici come Lionardo di Capua; filosofi e letterati, come il Caloprese, il Doria; matematici, come il Monforte, il De Cristofaro, il Ariani, e giureconsulti, come il Biscardi, il Caravita, e altri dotti e operosi. Tutti costoro tolsero allora gli studi napoletani al vecchiume e all'isolamento in cui giacevano; e per essi penetrarono e circolarono a Napoli i giornali letterari, francesi, germanici, olandesi, che dettero a conoscere il grado che altrove avevano raggiunto le scienze e permisero di tenersi informati dei loro avanzamenti”).

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

complexidade do sistema cartesiano – física, matemática, método – vale aqui indagar: por quais vias o cartesianismo foi conhecido? Quais as consequências disso na recepção dos doutos napolitanos?

O confronto foi, de fato, entre tradição e nova cultura. E, no seio desse confronto, Descartes, mais do que qualquer outro pensador moderno, teve uma função catalisadora, para qualquer um que não suportasse mais a tradição escolástica, tornando-se assim o símbolo de uma reforma do saber. Seus escritos assumem um lugar na cultura italiana no decurso de um momento de revolta contra a tradição, de um lado, e de investigação de uma orientação teórica, de outro, que permite unir as exigências da ciência galileana aos novos fomentos filosóficos da Renascença³⁷.

O florescimento do cartesianismo, no entanto, encontrou bastante polêmica no âmbito da cultura napolitana. A decadência dos ideais humanísticos do Renascimento foi prontamente substituída pelo modelo de saber de Renè Descartes (1598 – 1650). Tal substituição foi recebida com muita euforia por parte dos eruditos dessa época, que enxergaram no cartesianismo a filosofia que melhor expressava à tão almejada modernidade dos modelos de pensar, uma vez que já estava em voga em todos os principais centros da cultura européia.

Nápoles vivenciava, com efeito, a valorização da Matemática e da Física como únicos saberes que deveriam ser estudados para a obtenção do verdadeiro conhecimento. O raciocínio lógico era considerado mais importante do que o ideal do saber enciclopédico vigente na época do renascentista. A herança da cultura do Humanismo civil renascentista com todo o seu patrimônio de erudição, que valorizava os estudos humanísticos [*studia humanitatis*] era compreendido como obsoleto e desnecessário para a formação do indivíduo. No interior dessa formação observamos a relevância da literatura, da história, da jurisprudência e da filosofia moral, como saberes necessários ao desenvolvimento adequado do indivíduo.

³⁷ GIANCOTTI, E. *Philosophie et méthode de la philosophie dans les polémiques sur Descartes en Italie entre le XVIIème et le XVIIIème siècle*. In: *Problématique et réception du Discours de la méthode et des Essais*. Textes réunis par Henry Méchoulan. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1988, p. 286: « La confrontation était en fait un conflit entre tradition et nouvelle culture. Et, au sein de cette confrontation, Descartes, plus que tout autre penseur moderne, eut une fonction catalysante pour quiconque ne supportait plus la tradition scolastique, devenant ainsi le symbole d'une réforme du savoir. Ses écrits prennent la place dans la culture italienne au cours d'un moment de révolte contre la tradition d'une part, et de recherche d'une orientation théorique de l'autre, qui permit de souder les exigences de la science galiléenne aux nouveaux ferments philosophiques issus de la Renaissance ».

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

de repente se faz uma grande reviravolta das coisas literárias em Nápoles, que, quando se acreditavam haver de, por longo tempo, restabelecer todas as melhores letras do século XVI, com a partida do duque vice-rei surgiu outra ordem de coisas que as conduziu à ruína em brevíssimo tempo contra todas as expectativas, porque aqueles hábeis literatos, os quais dois ou três anos antes diziam que as metafísicas deviam estar encerradas nos claustros, começaram de repente a cultivá-las, mas não com base nos Platão e Plotino com os Marsilio, (...) mas com base nas *Meditações* de Renè Descartes, das quais seguiu o livro *Do Método*, no qual ele desaprova os estudos das línguas, dos oradores, dos historiadores e dos poetas, e substituindo-os somente pela sua metafísica, física e matemática, reduz a literatura ao saber dos árabes, os quais em todas essas três partes foram doutíssimos, como Averróes em metafísica e tantos famosos astrônomos e médicos que deixaram em uma e na outra ciência também as vozes necessárias para explicá-las³⁸.

As transformações não foram, porém, tão bem assimiladas por todos os doutos da época. A influência jesuítica no ambiente napolitano se fazia sentir em muitas polêmicas contrárias ao cartesianismo. Os próprios currículos acadêmicos sofreram modificações com o advento das novas influências cartesianas. As cátedras de Teologia foram reduzidas, em função do aumento de disciplinas relacionadas à jurisprudência como direito criminal e direito municipal.

Nesse fervor de estudos e nessa renovação intelectual tiveram, como se vê, a precedência na ordem de tempo as ciências da natureza, a metafísica e a cosmologia, as matemáticas, as letras, a erudição e também a jurisprudência histórica, mas não as disciplinas que mais diretamente se ligam às coisas políticas³⁹.

Nápoles foi, portanto, cenário de inúmeras polêmicas, sobretudo entre aqueles que representavam as novas formas de pensar segundo o modelo intelectualista cartesiano, e aqueles ainda influenciados pela escolástica medieval. Tal movimento caracteristicamente antijesuítico expressava o seu repúdio àquilo que pudesse simbolizar as antigas orientações de saber, as quais não estavam em consonância com a nova *ratio studiorum*. A autoridade cultural representada pela tradição jesuíta deveria ser substituída pelas idéias modernas. Desse modo,

³⁸ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, pp.19-20: “ad un tratto si fa in gran rivolgimento di cose letterarie in Napoli, che, quando si credevano dovervisi per lunga età ristabilire tutte le lettere migliori del Cinquecento, con la dipartenza del duca viceré vi surse un altro ordine di cose da mandarle tutte in brevissimo tempo in rovina contro ogni aspettazione; ché que’ valenti letterati, i quali due o tre anni avanti dicevano che le metafisiche dovevano star chiuse ne’ chiostru, presero essi a tutta voga coltivarle, non già sopra i Platoni e Plotini coi Marsili, (...) ma sopra le *Meditazioni* di Renato Delle Carte, delle quali è séguito il suo libro *Del metodo*, in cui egli disapprova gli studi delle lingue, degli oratori, degli storici e de’ poeti, e ponendo su solamente la sua metafisica, fisica e matematica, riduce la letteratura al sapere degli arabi, i quali in tutte tre queste parti n’ebbero dottissimi, come gli Averroi in metafisica e tanti famosi astronomi e medici che ne hanno nell’una e nell’altra scienza lasciate anche le voci necessarie a spiegarvisi”.

³⁹ CROCE, B. *Storia del regno di Napoli*, p. 170: “In questo fervore di studi e in questo rinnovamento intellettuale ebbero, come si vede, la precedenza in ordine di tempo le scienze della natura, la metafisica e la cosmologia, le matematiche, le lettere, l’erudizione, e anche la giurisprudenza istorica, ma non le discipline che più direttamente si legano alle cose politiche”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

muitos começaram a escrever em estilo andante e de conversação, atentando unicamente para a ordem e clareza. Oposição na forma literária, que respondia àquela do pensamento contrário à velha ciência das escolas, contra a filosofia dos claustros e do Perípato, contra a persistente autoridade de Aristóteles e, em geral, dos antigos; de onde as ásperas e longas controvérsias, em medicina, entre os galenistas e inovadores, em filosofia, entre escolásticos e cartesianos⁴⁰.

A cultura jesuítica exerceu um papel de suma importância nas controvérsias entre pensamento da tradição e idéias inovadoras. A função do clero católico, marcadamente caracterizada pela repressão às novidades no âmbito da cultura, encontra na orientação da Companhia de Jesus uma orientação bastante específica. A experiência religiosa é fortemente reconhecida por uma posição dogmática e ascética. Para Inácio de Loyola, fundador dos ideais da Companhia de Jesus, o projeto de vida religiosa do jesuíta deve, no entanto, vincular-se a uma prática social, sem obviamente abandonar os ditames da fé cristã⁴¹.

A Companhia assume uma considerável contribuição cultural no interior da discussão científica da modernidade, em particular, na afirmação do papel da Igreja Católica nos avanços do saber. O pensamento jesuítico manifestava a preocupação com o estabelecimento de uma verdadeira ordem na concepção dos saberes, que auxiliasse a formação completa do indivíduo. Atividades pedagógicas aliadas a uma sólida organização espiritual, tanto do indivíduo como do grupo da ordem, contribuiriam para a composição desse corpo maciço que é a Companhia de Jesus:

a estrutura rigidamente hierárquica, a sólida coesão interna, o aparato institucional altamente especializado, a orientação pedagógico-didática no sentido de assegurar, através da criação de uma rede segura de escolas e colégios, o controle das classes dirigentes. Neste quadro, entre os objetivos culturais aos quais se endereçou desde o início o apoio e o suporte da Ordem, um lugar de primeiro plano foi conferido às ciências⁴².

⁴⁰ CROCE, B. *Storia del regno di Napoli*, p. 169: “molti cominciarono a scrivere in stile andante e di conversazione, avendo l’occhio unicamente all’ordine e alla chiarezza. Opposizione nella forma letteraria, che formava riscontro a quella del pensiero contro la vecchia scienza delle scuole, contro la filosofia dei chiostrri e del Peripato, contro la persistente autorità di Aristotele e, in genere, degli antichi; donde le aspre e lunghe controversie, in medicina tra galenisti e novatori, in filosofia tra scolastici e cartesiani”.

⁴¹ Sobre a cultura jesuítica, ver aqui: BAFFETTI, G. *Retorica e Scienza: cultura gesuitica e Seicento italiano*. Bologna: Clueb, 1997, pp. 25-26: “No interior da Ordem jesuítica, com efeito, a atividade científica e mais amplamente cultural se radica imediatamente na dimensão social de um grupo, cuja existência e força dependem de um complexo ordenamento de prescrições normativas inderrogáveis, endereçadas ao alcance do fim supremo, ou seja, a maior glória de Deus, mas também de finalidades práticas e políticas que devem garantir a ‘conservatio in (...) bono statu’ e a afirmação hegemônica da Companhia” [“All’interno dell’Ordine gesuitico, in effetti, l’attività scientifica e più latamente culturale si radica immediatamente nella dimensione sociale di un gruppo, la cui esistenza e forza dipendono da un complesso ordinamento di prescrizioni normative inderogabili, indirizzate al conseguimento del fine supremo, ossia la maggior gloria di Dio, ma anche di finalità pratiche e politiche, che devono garantire la ‘conservatio in (...) bono statu’ e l’affermazione egemonica della Compagnia”].

⁴² BAFFETTI, G. *Retorica e Scienza: cultura gesuitica e Seicento italiano*, p. 26: “la struttura rigidamente gerarchica, la solida coesione interna, l’apparato istituzionale altamente specializzato, l’orientamento

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

No ideal jesuítico de saber é notória a influência de sistemas filosóficos como o aristotelismo de São Tomás de Aquino, o que conferiu à Ordem a característica de rígida organização, e a própria orientação teológica tomista de que a faculdade da razão deve estar subordinada, em última instância, à fé em Deus. Desse modo temos a conciliação funcional entre orientação espiritual e concepção científica pautada na razão. A Ordem deve estar organizada segundo as instâncias superiores do universo, de modo que ela deva funcionar em conformidade com uma organização natural eterna e perfeita. Essa forma de organização deve ser sentida por todos aqueles pertencentes à Companhia, em especial, por aqueles que seguem em missões evangelizadoras: os chamados “soldados de Cristo”. Todos devem estar imbuídos da missão de disseminar os preceitos ideais da Companhia⁴³.

Observamos ainda na passagem acima que as transformações ocorridas em Nápoles não se realizaram unicamente no campo do pensamento filosófico. Tais transformações se refletiram na formação dos doutos que representaram os precursores das idéias cartesianas na cidade – médicos, astrónomos, matemáticos, físicos. Importa destacar também que a chegada do cartesianismo não constituiu o único momento de efervescência da cultura local. Desde meados do século XVII, e durante todo o século XVIII, as mudanças no cenário político napolitano conferiram uma atmosfera cultural, marcadamente bastante complexa. O período era de transição de um regime comandado por uma nobreza feudal em direção à modernização.

A vida política experimentou a ascensão de uma nova classe social – o *medio ceto* (classe média) – identificada com a jovem intelectualidade nas figuras de filósofos, economistas, políticos, literatos (como Tibério Carafa, por exemplo). Os “ideais e reforma do Estado e da Igreja”⁴⁴ eram difundidos por esses novos representantes da intelectualidade dirigente napolitana. A diminuição da

pedagogico-didattico inteso as assicurare, attraverso la creazione di una fitta rete di scuole e collegi, il controllo delle classi dirigenti. In questo quadro, tra gli obiettivi culturali cui s'indirizzò sin dall'inizio il sostegno e il supporto dell'Ordine, un posto di primo piano fu assegnato alle scienze”.

⁴³ Para o comentador, os “Nascidos como soldados de Cristo para combater a propagação das heresias, os jesuítas entenderam cedo que a obra de disciplinamento das consciências deveria ser assegurada e sustentada por uma ‘reconquista’ cultural capilar que foi implementada no campo por meio da educação, em especial, das futuras classes dirigentes. A missão pedagógica da Sociedade de Jesus já era decidida pelo seu fundador, que havia dedicado a parte quatro das *Constitutiones* para definir meticulosamente os critérios organizadores e administrativos dos colégios e universidades da Companhia, que em breve se difundiram em toda a Europa. Mas Inácio de Loyola e os seus sucessores se puseram igualmente o ambicioso objetivo de criar *ex novo* uma *élite* intelectual, dedicada ao estudo e à pesquisa, para assegurar à Ordem um alto prestígio cultural, garantindo, em seguida, por intermédio do ensino, o crescimento e a transmissão do patrimônio do conhecimento herdado” (Ibidem, p. 34: “Nati come soldati di Cristo per combattere il dilagare delle eresie, i gesuiti capirono presto che l’opera di disciplinamento delle coscienze doveva essere affiancata e sostenuta da una capillare ‘reconquista’ culturale che andava attuata sul campo attraverso l’educazione, specie delle future classi dirigenti. La missione pedagogica della Società di Gesù era già stata decisa dal fondatore, che aveva dedicato la parte quarta delle *Constitutiones* a definire meticulosamente i criteri organizzativi e gestionali dei collegi e delle università della Compagnia, che in breve si diffusero in tutta Europa. Ma Ignazio di Loyola e i suoi successori si posero altresì l’ambizioso obiettivo di creare *ex novo* un’*élite* intellettuale, dedita allo studio e alla ricerca, per assicurare all’Ordine un alto prestigio culturale, garantendo poi, attraverso l’insegnamento, la crescita e la trasmissione del patrimonio di conoscenze ereditato”).

⁴⁴ CROCE, B. *Storia del regno di Napoli*, p. 189: “ideali di riforma dello Stato e della Chiesa”.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 2	Novembro 2012	p. 157-183
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

influência eclesiástica é um exemplo de idéia reformista modernizante, pois “(...) se exercitavam com maior vigor os direitos do estado e do laicado”⁴⁵.

Nesse sentido, a formação de uma nova ordem política conferiu à Nápoles o lugar de destaque na Itália da época. “Em Nápoles (...) a monarquia absoluta, assistida pela participação dos ‘filósofos’, ou seja, dos intelectuais e dos técnicos, e por isso ‘iluminada’, trouxe rapidamente a formação do estado moderno”⁴⁶. A experiência de tais transformações justifica igualmente a preocupação de Vico com uma orientação de pensamento não alheia ao universo da vida prática e civil. Isso justifica também a sua crítica à *ratio studiorum* analítica, aquela de orientação cartesiana, identificando também a impossibilidade de uma moral no interior do cartesianismo.

Com relação às obras de Descartes, possivelmente conhecidas por Vico, encontramos em sua *Autobiografia* referências diretas ao *Discours de la méthode* (1637), ao *L’Homme* (1733) e às *Passions de l’âme* (1649). Tais referências exprimem reprovação em virtude da ausência, nessas obras, de uma preocupação moral voltada para uma reflexão sobre a civilidade humana. Ao contrário, segundo Vico, esses escritos se distanciam de uma preocupação com a vida prática⁴⁷, apresentando pressupostos que constituiriam uma inversão daquilo que deve ser a preocupação central de uma Moral: os vínculos civis⁴⁸.

Se considerarmos, de início, *L’Homme*, de 1733, observamos um tratamento minucioso da concepção da natureza do homem segundo os princípios da mecânica. A intenção de Descartes é

⁴⁵ CROCE, B. *Storia del regno di Napoli*, p. 209: “si esercitassero con maggior vigore e rigore i diritti dello stato e dai laicato”.

⁴⁶ CROCE, B. *Storia del regno di Napoli*, p. 196: “In Napoli, (...) la monarchia assoluta, assistita dal concorso dei ‘filosofi’, ossia degli intellettuali e dei tecnici, e perciò ‘illuminata’, a portare rapidamente innanzi la formazione dello stato moderno”.

⁴⁷ É importante esclarecer o sentido prático do método no projeto filosófico cartesiano. Para tanto, valemo-nos da sua exposição, na *Carta-Prefácio dos Princípios de Filosofia*, acerca da utilidade da *sagesse* na condução da vida prática. Alcançar o mais alto grau da *sagesse*, na condução da vida, significa conduzir o raciocínio segundo princípios racionais e evidentes. É por meio da investigação das primeiras causas, fundamentas na clareza e na distinção das idéias, que vai garantir a sabedoria. Trata-se, antes de qualquer coisa, daquilo que o “espírito humano pode saber” (“l’esprit humain peut savoir”), deduzidos de noções indubitáveis e estabelecidas pelo sujeito. Daí Descartes argumentar: “Eu desejaria primeiramente explicar o que é a filosofia, começando pelas coisas mais vulgares, que tal palavra *filosofia* significa o estudo da sabedoria (*sagesse*), e que por sabedoria não se entende somente a prudência nos negócios, mas um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a condução de sua vida, como para a conservação de sua saúde e invenção de todas as artes; e a fim de que esse conhecimento seja tão necessário, que ele seja deduzido das primeiras causas, de modo que, para conseguir aquilo que se intitula propriamente filosofar, é preciso começar pela investigação de tais primeiras causas, ou seja, dos princípios”. [«J’aurais voulu premièrement y expliquer ce que c’est que philosophie, en commençant par les choses les plus vulgaires, comme sont : que ce mot de *philosophie* signifie l’étude de la sagesse, et que par la sagesse on n’entend pas seulement la prudence dans les affaires, mais une parfaite connoissance de toutes les choses que l’homme peut savoir, tant pour la conduite de sa vie que pour la conservation de sa santé et l’invention de tous les arts; et qu’afin que cette connoissance soit telle, il est nécessaire qu’elle soit déduite des premières causes, en sorte que, pour étudier à l’acquérir, ce qui se nomme proprement philosopher, il faut commencer par la recherche de ces premières causes, c’est-à-dire des principes»]; (Cf. Descartes, René. *Les Principes de la Philosophie* [1647]. Première partie – Lettre Préface. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin, 1999, pp. 25-26).

⁴⁸ É evidente que não pretendemos encerrar tal problemática nesse breve excuro, pois não é a intenção primordial deste trabalho. A realização do presente excuro se deve em função da crítica viquiana à pretensão de universalidade do sistema cartesiano.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

apresentar o homem em sua totalidade, ou seja, demonstrar a concepção do vínculo entre corpo e alma com base em uma análise da estrutura corpórea. Para Vico, uma concepção matematizante do homem jamais forneceria uma fundamentação da compreensão das ações humanas em um contexto civil. Daí Vico dizer que “o homem de Renato não se encontra na natureza pelos anatomistas”⁴⁹.

Segundo Descartes é somente valendo-se do complexo da movimentação dos órgãos e tecidos que se pode explicar as ações humanas, independentes de qualquer referência aos vínculos civis decorrentes dos sentimentos ou de outras faculdades humanas como a memória, a imaginação, o senso comum. Os sentimentos, por exemplo, nada mais são do que funções decorrentes de outras funções. Diz ele: “as funções das quais estamos tratando (...) dependem somente dos espíritos (animais) que vêm do coração, dos poros do cérebro por onde passam, e de tal modo que esses espíritos se distribuam nesses poros”⁵⁰.

Desde a formação dos movimentos decorrentes das funções mais simples, como a atividade do bolo alimentar, até os mais complexos, como a formação dos sentimentos, é demonstrado por Descartes com base nos mecanismos fisiológicos do organismo humano. A explicação da produção de todas as sensações se processa em conformidade com a fisiologia do organismo humano, de modo que a natureza humana somente pode ser compreendida segundo a compreensão das causas de seus movimentos de seus órgãos e tecidos. Por conseguinte, a investigação da ciência do movimento do homem está nele mesmo.

Para Vico, tal interpretação da natureza humana compromete a compreensão de um caráter mais amplo das ações humanas, prejudicando a concepção da integralidade antropológica do indivíduo. Restringir a totalidade da natureza humana a uma compreensão unicamente biológica do aparelho corporal implica insuficiências no tratamento da problemática prática-civil, na medida em que não se revela capaz de pensar a coletividade das ações humanas.

Explicitada a concepção do homem cartesiano, compreendemos que, de acordo com o comentário viquiano sobre o problema da Moral cartesiana, conforme as *Paixões da alma* se apresenta a ausência de uma preocupação com a prudência civil. Daí Vico escrever em sua *Autobiografia* que “o *Tratado das Paixões* serve mais à medicina do que à moral”⁵¹. Nesse escrito, Descartes indica quais seriam os pressupostos necessários para uma concepção de Moral, valendo-se de uma explicação fisiológica das sensações produzidas no interior do corpo humano.

O tratamento cartesiano indica, antes, uma preocupação com o refreamento das sensações produzidas exclusivamente no interior do organismo humano, por meio da atividade de órgãos, nervos e glândulas. O vínculo entre corpo e alma, já explicitado em seu *L'Homme*, é defendido mediante uma

⁴⁹ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 16: “l'uom di Renato dagli anatomici non si ritruova in natura”.

⁵⁰ DESCARTES, R. *L'Homme* [1733]. In : *Œuvres de Descartes*, tome IV. Paris : Libraire F. G. Levrault, 1824, pp. 386-387: « Les fonctions dont il est ici question ne dépendent (...) seulement des esprits qui viennent du coeur, des pores du cerveau par où ils passent, et de la façon que ces esprits se distribuent dans ces pores ».

⁵¹ VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 16: “l Trattato delle passioni più serve alla medicina che alla morale”.

interpretação do funcionamento físico da matéria corporal humana. Como Descartes escreve: “Mas dado que essas paixões não podem levar a nenhuma ação, exceto por intermédio do desejo que excitam, é particularmente esse desejo que devemos ter o cuidado de regular; e é nisso que consiste a principal utilidade da Moral”⁵².

Nesses termos a Moral é, portanto, um instrumento para a conduta do sujeito. No interior de tal concepção não se torna possível pensar o estabelecimento de regras para a dimensão coletiva do agir humano, pois se trata do estabelecimento de regras subjetivas interiores à mente do indivíduo. Uma vez que as sensações são produzidas no interior da alma humana, o movimento de refreamento também deve se processar interiormente, por intermédio do “que o exercício da virtude é [o] soberano remédio contra as paixões”⁵³.

Saber distinguir a natureza das paixões é uma ação que depende somente do indivíduo. O regramento das emoções interiores é a chave da virtude moral. O exercício de desejar o bem, por meio da clareza e da distinção das emoções que devem ser refreadas, constitui a ação moral: “agimos sempre melhor pendendo para as paixões que tendem para o bem do que para aquelas que dizem respeito ao mal, ainda que seja apenas para evitá-lo”⁵⁴. Para Descartes a virtude da ação moral está em desejar seguir as coisas úteis, boas; distinguindo-as das coisas más, sendo que tal distinção consiste em libertar o espírito do jugo dos desejos menos úteis, “de tentar conhecer bem claramente e de considerar com atenção a bondade daquilo que é de desejar”⁵⁵.

Não podemos afirmar, no entanto, que em Descartes não exista uma preocupação com a vida prática, pelo menos no que concerne à forma como vem pensada tal questão no interior do sistema cartesiano, isto é, adquirir o conhecimento por parte do sujeito acerca da via mais segura que deve ser seguida na vida⁵⁶. Por isso Descartes empreende, na primeira parte do *Discours de la méthode*, editado em 1637, uma reforma dos saberes necessários ao estabelecimento dessa via segura. É, nesse sentido, que a preocupação cartesiana com a fundamentação da ordem do saber vislumbra a sabedoria na ação prática: abandonar certos saberes inúteis à certeza dos juízos norteadores da via que se deve adotar na ação cotidiana. Descartes comenta:

⁵² DESCARTES, R. *Les Passions de l'âme* (1649). Paris : P.U.F., 1988, p. 133 : « Mais, parce que ces passions ne nous peuvent porter à aucune action que par l'entremise du désir qu'elles excitent, c'est particulièrement ce désir que nous devons avoir soin de régler, et c'est en cela que consiste la principale utilité de la morale ».

⁵³ DESCARTES, R. *Les Passions de l'âme*, p. 138: « que l'exercice de la vertu est un souverain remède contre les passions ».

⁵⁴ DESCARTES, R. *Les Passions de l'âme*, p. 132: « nous faisons toujours beaucoup mieux de pencher vers les passions qui tendent au bien que vers celles qui regardent le mal, encore que ce ne soit que pour l'éviter ».

⁵⁵ DESCARTES, R. *Les Passions de l'âme*, p. 134: « de tâcher de connaître bien clairement et de considérer avec attention la bonté de ce qui est à désirer ».

⁵⁶ Conferir nota 53, ao nos reportarmos à reflexão sobre a utilidade da *sagesse* nos *Princípios de Filosofia* de Descartes.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

tão logo a idade me permitiu sair da sujeição de meus preceptores, deixei inteiramente o estudo das letras. E, resolvendo-me a não mais procurar outra ciência, além daquela que se poderia achar em mim próprio, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha mocidade (...) em fazer tal reflexão sobre as coisas que se me apresentavam, que eu pudesse tirar delas algum proveito. (...) E eu sempre tive um imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro nas minhas ações e caminhar com segurança nesta vida ⁵⁷.

A primeira atitude a ser tomada é a exclusão daqueles saberes que não resistem ao exame da crítica, ou seja, aqueles conteúdos relativos ao programa dos *studia humanitatis*. Disciplinas como a Poética e a Retórica não apresentavam um fundamento seguro para o estatuto científico e não deviam ser incluídos no programa de estudos que prepara o *esprit* cartesiano. Por não primarem pelo rigor da razão, nem auxiliarem a condução do raciocínio na formação dos juízos claros e distintos, a Retórica e a Poética são consideradas dignas somente do diletantismo pessoal. Nesse sentido, Descartes diz:

Eu apreciava muito a eloquência e estava enamorado da poesia; mas pensava que uma e outra eram dons do espírito mais do que frutos de estudo. Aqueles cujo raciocínio é mais vigoroso e que melhor digerem seus pensamentos, a fim de torná-los claros e inteligíveis, podem sempre persuadir melhor os outros daquilo que propõem, ainda que falem apenas o baixo bretão e jamais tenham aprendido retórica. E aqueles cujas invenções são mais agradáveis e que as sabem exprimir com o máximo de adorno e doçura não deixariam de ser os melhores poetas, ainda que a arte poética lhes fosse desconhecida ⁵⁸.

Agora a orientação científica permanecia restrita somente àqueles saberes de orientação prevalentemente matemática⁵⁹. Vico percebe em tal reforma cartesiana dos saberes um esvaziamento da erudição necessária à orientação do indivíduo na vida prática⁶⁰. É a relevância do movimento do *esprit* que conduzirá a atuação prática do indivíduo, independente dos acontecimentos exteriores do mundo. Precisamente esse movimento interior do *esprit* vai ditar as regras da “moral provisória”

⁵⁷ DESCARTES, R. *Discours de la méthode* (1637). Paris : Vrin, 2000, p. 77 : « C'est pourquoi, sitôt que l'âge me permit de sortir de la sujétion de mes précepteurs, je quittai entièrement l'étude des lettres. Et me résolvant de ne chercher plus d'autre science que celle qui se pourroit trouver en moi-même, ou bien dans le grand livre du monde, j'employai le reste de ma jeunesse (...) me proposait, et partout à faire telle réflexion sur les choses qui se présentaient que j'en pusse tirer quelque profit. (...) Et j'avais toujours un extrême désir d'apprendre à distinguer le vrai d'avec le faux, pour voir clair en mes actions, et marcher avec assurance en cette vie ».

⁵⁸ DESCARTES, R. *Discours de la méthode*, pp. 73-74: « J'estimais fort l'éloquence, et j'étais amoureux de la poésie ; mais je pensais que l'une et l'autre étaient des dons de l'esprit plutôt que des fruits de l'étude. Ceux qui ont le raisonnement le plus fort, et qui digèrent le mieux leurs pensées afin de les rendre claires et intelligibles, peuvent toujours le mieux persuader ce qu'ils proposent, encore qu'ils ne parlissent que bas-breton, et qu'ils n'eussent jamais appris de rhétorique ; et ceux qui ont les inventions les plus agréables et qui les savent exprimer avec le plus d'ornement et de douceur, ne laisseraient pas d'être les meilleurs poètes encore que l'art poétique leur fût inconnu ».

⁵⁹ Por isso Vico escreve, conforme a passagem já presente na página 28 deste trabalho, a respeito do “seu livro *Do método*” (Cf. VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 20).

⁶⁰ Tal problemática será aprofundada ao longo do cap. II em que apresentaremos a importância da erudição na orientação da vida prática.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

cartesiana, apresentada na terceira parte do *Discours*, cujo principal aspecto é o da adaptação do sujeito à ordem das coisas, sem problematizá-la.

O sentido da “moral provisória” cartesiana se opõe ao ideal da *prudencia*, que tem como pressuposto as ações voltadas para o mundo civil. A moral provisória, tal como a concebe Descartes, permanece no âmbito da ação individual do sujeito, sem qualquer projeção do agir em sentido comunitário, em virtude do seu sentido de adequação. As “três ou quatro máximas”⁶¹ dessa moral pressupõem tão-somente a atuação interior sobre o próprio *esprit*, e cujo dever se limita apenas à obediência aos aspectos exteriores à vida interior do sujeito, tais como as “leis e os costumes do país (...) comumente recebidas na prática dos mais sensatos com os quais eu teria que viver”⁶². Frente a tais exterioridades cabe ao sujeito não confrontar-se com as adversidades da vida, mas “ser o mais firme e o mais decidido [possível] em [suas] ações”⁶³, adequando-se e buscando “modificar os [seus] desejos do que a ordem do mundo”⁶⁴.

Em oposição a tal orientação de saber se apresenta o pensamento de Giambattista Vico. Isso ocorre, antes de qualquer coisa, em virtude da sua forma de pensar, ainda bastante influenciada por uma orientação que privilegiava uma completa preparação do indivíduo, herança da cultura retórica vigente no Humanismo renascentista. A observação de tais mudanças, ocorridas em sua cidade natal, o fez perceber que a recepção da nova forma de pensar implicou no esquecimento de toda a tradição humanista, tal como Vico explicita na seguinte passagem:

Assim (...) se condena o estudo das línguas grega e latina, onde por toda parte são rebaixados os valores dos escritores em ambas as línguas e são, de modo deformado, alterados aqueles dos tradutores. (...) condena-se o estudo que necessita absolutamente da compreensão do direito romano latino, que muito recebeu da luz oriental dos gregos, com o qual se julgam as causas em muitos tribunais da Europa; (...) se condena a lição dos oradores, os quais [os] únicos [que] nos podem ensinar o tom com o qual a sabedoria fala; se condena finalmente aquele dos poetas, com o falso pretexto de que dizem fábulas⁶⁵.

⁶¹ DESCARTES, Renè. *Discours de la méthode*, p. 96: « trois ou quatre maximes ».

⁶² DESCARTES, R. *Discours de la méthode*, pp. 96-97 : « lois et aux coutumes de mon pays (...) communément reçues en pratique par les mieux sensés de ceux avec lesquels j'aurais à vivre ».

⁶³ DESCARTES, R. *Discours de la méthode*, p. 99 : « être le plus ferme et le plus résolu en mes actions ».

⁶⁴ DESCARTES, R. *Discours de la méthode*, p. 100 : « changer mes désirs que l'ordre du monde ».

⁶⁵ VICO, G. *Lettere*, p. 334: “Così, (...) si condanna lo studio della lingua greca e latina, onde sono dappertutto inviliti i prezzi degli scrittori in entrambe le lingue proprie, e si sono sformatamente alterati quelli de’ traduttori; (...) si condanna lo studio che assolutamente bisogna per intelligenza del diritto romano latino, che molto riceve di lume dall’orientale de’ greci, col quale si giudicano le cause in tutti i tribunali d’Europa; (...) si condanna la lezione degli oratori, i quali soli ci possono insegnare il tuono con cui la sapienza favella; si condanna finalmente quello de’ poeti, col falso pretesto che dicano favole”.

O interesse viquiano pela vida civil

Para além de uma preocupação exclusivamente no âmbito educativo escolar, Vico vislumbra os prejuízos de uma orientação unilateral na formação do indivíduo e, em especial, dos jovens. O autor alerta, sobretudo, para os perigos da nova *ratio studiorum*, aquela analítica, tendo como modelo o cartesianismo, a ser adotada para uma completa formação do indivíduo. Ele percebeu na busca pela verdade primeira a não compreensão das questões de política e moral pertencentes ao mundo dos homens, uma vez que essas questões se inserem na esfera do “provável” e do “verossímil”. Como se pensar os problemas relativos à moral, aos costumes, à vivência do homem em coletividade por meio de princípios abstraídos da mente, sem atentar para a dimensão do *ethos*? Tais noções foram completamente abandonadas em virtude da analítica cartesiana.

Dado, portanto, que as ações da [vida] prática são valorizadas em conformidade com os momentos e as contingências das coisas, isto é, com as pretensas circunstâncias das quais muitas são estranhas e inúteis (...), os fatos humanos não podem medir-se com o critério desta retilínea e rígida régua mental. (...) Quanto à ciência, essa difere da prudência civil justamente no seguinte: destacam-se na ciência aqueles que investigam uma única causa da qual extrair múltiplos fenômenos da natureza, ao passo que na prudência civil prevalecem aqueles que investigam o maior número de causas de um único fato, para conjecturar qual seja a verdadeira. Isso porque a ciência visa às mais altas verdades, e a sabedoria às menores⁶⁶.

Pensar o âmbito das ações humanas inseridas em um *ethos* exige a compreensão do que representa o *sensu comum*⁶⁷ em sua instância prática. Na sétima *oratio*, o *De ratione*, Vico apresenta o senso comum como imprescindível no aspecto pedagógico da preparação dos jovens. Para Vico a “nova crítica” traz prejuízos para a formação dos juízos, daquelas noções importantes para as formulações acerca da realidade.

A pretensão viquiana ultrapassa a facticidade do senso comum. Em contraposição a um modelo científico que desconsidera o senso comum como uma categoria importante no seu ideal de saber, Vico vem tomá-lo como fundamento de saber na concepção de uma ciência que não tem como prioridade a *ratio* geométrica. Na relação do senso comum com o projeto científico de saber viquiano há o reconhecimento de faculdades pré-intelectivas como a memória, a fantasia e o *ingenium*.

⁶⁶ VICO, G. *De nostri temporis studiorum ratione* [1708]. In: *Opere Filosofiche*, Firenze: Sansoni, 1971, p. 810: “Dato, dunque, che le azioni della pratica sono valutate in conformità ai momenti e alle contingenze delle cose, cioè alle cosiddette circostanze di cui molti estranee e inutili (...) i fatti umani non possono misurarsi con il criterio di questa rettilineae rigida regola mentale. (...) Quanto a scienza, essa differisce dalla prudenza civile proprio in questo: eccellono nella scienza quelli che ricercano una causa sola da cui poter ricavare molteplici fenomeni di natura, mentre nella civile prudenza prevalgono quelli che ricercano quante più cause di un sol fatto per congetturarne quale sia vera. Ciò perché alle più alte verità mira la scienza, alle più piccole la saggezza”.

⁶⁷ O *sensu comum* será um elemento muito importante no estabelecimento dos *Principi di una Scienza Nuova*, em 1725, na compreensão do projeto viquiano da *nuova scienza*.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

O cartesianismo se inscreve em uma cultura de valorização do indivíduo, aquela da *saggezza* moderna. A reflexão em torno do que significa tal concepção de *saggezza* é relevante por sua dimensão ética e política, na medida em que o ideal ético da *sagesse* (de onde provém *saggezza*) advém da crise da moral comunitária do século XVIII, e um de seus principais aspectos é o recolhimento do homem em si mesmo, ou seja, a exaltação do indivíduo. A posição do “sábio” moderno se apresenta, nesse sentido, desvinculada do vulgo, contrariamente ao ideal de vida associada do Humanismo renascentista, mais próximo do ideal estóico helenista de *saggezza*.

Indagando sobre a recepção na cultura napolitana da idade de Vico da tradição da *sagesse* será preciso ter conta, quer de tal caráter de intrínseca limitação do campo desta, quer do fato de que o seu objeto principal permanecesse, por fim, o “mundo”, aquele “mundo” das relações humanas que tanto interessava aos ambientes intelectuais próximos a Vico⁶⁸.

É importante destacarmos a recusa viquiana à orientação do conhecimento da *sagesse* moderna. A proposta de ciência do mundo real da *sagesse* era oposta ao que Vico iria desenvolver posteriormente ao longo de sua obra. A *sagesse* representava um saber que inaugurava uma posição crítica ante a experiência. Segundo os adeptos da *sagesse*, a característica multiforme presente no mundo das experiências humanas propicia uma abertura para a razão como meio universal capaz de conceber uma noção de verdade.

Entre as características individuais que poderiam ser destacadas como constitutivas, reveladoras da “*saggezza* moderna”, alguns podem se considerar claros. (...) É esse caso de características mais “contendísticas”, (...), como aquela do movimento de “recuo” em direção à esfera interior, ou privada, que caracteriza a configuração da “solitária” *sagesse*, ou aquela da concepção dos requisitos e das tarefas do “sábio” em relação aqueles do “vulgo”, da “multidão”⁶⁹.

⁶⁸ NUZZO, E. *Il congedo della “Saggezza moderna” nella cultura napoletana tra ‘600 e ‘700: Vico e la tradizione dei “Moralisti”*. In: Bollettino del Centro di Studi Vichiani (1987-1988), Napoli, p. 44: “Indagando sulla recezione nella cultura napoletana dell’età di Vico della tradizione della *sagesse* bisognerà tenere conto sia di tale carattere di intrinseca limitazione del campo di questa, sia del fatto che il suo oggetto precipuo restasse in ultimo il ‘mondo’, quel ‘mondo’ dei rapporti umani che tanto interessava gli ambienti intellettuali vicini a Vico”.

⁶⁹ NUZZO, E. *Il congedo della “Saggezza moderna” nella cultura napoletana tra ‘600 e ‘700: Vico e la tradizione dei “Moralisti”*, p. 34: “Tra i caratteri generali che potrebbero essere individuati come costitutivi, rivelatori, della ‘saggezza moderna’, alcuni possono considerarsi inequivocabili. (...) È questo il caso di caratteri piuttosto ‘contenutistici’, (...), come quello del movimento di ‘ripiegamento’ verso la sfera interiore, o privata, che caratterizza il configurarsi della ‘solitaria’ *sagesse*, o quello della concezione dei requisiti e dei compiti del ‘saggio’ in relazione a quelli del ‘vulgo’, della ‘moltitudine’”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

Nápoles, portanto, não apresenta um grande interesse por essa cultura da *sagesse*, em parte por causa da escassez de fontes bibliográficas oriundas da França, bem como por apresentar uma “separação intrínseca da ‘ciência’ e da ‘política’”⁷⁰. A concepção acerca da *sagesse*, ao lado do cartesianismo, representa um movimento de renovação do ideal de ciência e de vida prática. Tal cultura inovadora priorizava o predomínio de um ideal racional de concepção científica, aliada a uma necessidade de solidão para a construção dessa racionalidade.

Os saberes “fortes”, uma vez fundantes de uma *saggezza* compreendida como alta “prudência”, e quebrada, invertida completamente a preeminência hierárquica da *sapienza* sobre a *saggezza*. (...) A *saggezza* tende, portanto, a renunciar drasticamente, quer ao estudo da “política” (como saber do agir político para fundamento ético do cidadão), quer, também, ao estudo da “econômica”, reduzindo-se tendencialmente no território restrito da “prudência privada”⁷¹.

A reflexão viquiana se opõe ao tratamento unilateral do método analítico que tornava as mentes dos indivíduos profundamente avessas às questões que não pudessem ser resolvidas por meio de idéias claras e distintas. A busca por uma verdade indubitável, utilizando-se da pura racionalidade, termina por debilitar outras faculdades humanas que não servem à investigação dessa verdade. As faculdades pré-reflexivas, como a memória, a fantasia e o engenho, ainda muito fortes nas mentalidades adolescentes, são enfraquecidas por causa de uma orientação racional na forma do pensar. Para Vico:

com a álgebra se atormenta o engenho, porque não se vê senão apenas aquilo que está diante dos pés; estonteia a memória porque, encontrado o segundo sinal, não mais cuida do primeiro; em seguida cega a fantasia, porque de fato não imagina nada; destrói o entendimento, porque exerce a adivinhação: de maneira que os jovens, que despendem muito tempo, no uso da vida civil, com supremo desgosto e arrependimento deles; se encontram menos aptos⁷².

⁷⁰ NUZZO, E. *Il congedo della “Saggezza moderna” nella cultura napoletana tra ‘600 e ‘700: Vico e la tradizione dei “Moralisti”*, p. 54: “separazione intrinseca dalla scienza e dalla politica”.

⁷¹ NUZZO, E. *Il congedo della “Saggezza moderna” nella cultura napoletana tra ‘600 e ‘700: Vico e la tradizione dei “Moralisti”*, p. 47: “i saperi ‘forti’ una volta fondanti una saggezza intesa come alta ‘prudenza’, e rotta, addirittura invertita la preminenza gerarchica della *sapienza* sulla *saggezza*. (...) La *saggezza* inclina quindi a rinunciare drasticamente sia allo studio della ‘politica’ (come sapere dell’agire politico a fundamento etico dei cittadini), sia, anche, allo studio dell’ ‘economica’, riducendosi tendenzialmente nel territorio ristretto della prudenza privata”.

⁷² VICO, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, pp. 12-13: “con l’algebra si affligge l’ingegno, perchè non vede se non quel solo che li sta innanzi i piedi; sbalordisce la memoria, perchè ritruovato il secondo segno, non bada più al primo; abbacina la fantasia, perchè non imagina affatto nulla; distrugge l’intendimento, perchè professa d’indovinare: talchè i giovani, che vi hanno spesso molto tempo, nell’uso poi della vita civile, con lor rammarico e pentimento; vi si ritruovano meno atti”.

Giambattista Vico e a viragem do *status* cultural napolitano do final do século XVII:
um diagnóstico do presente

Vico, ao pensar a problemática da vida civil, avalia a nova *ratio studiorum* no seu aspecto do esvaziamento da erudição necessária à adequada orientação do indivíduo na vida prática. Tal *ratio studiorum* é compreendida como a reunião daqueles saberes excluídos da orientação da ciência moderna, ou seja, aqueles vinculados à tradição retórica. A orientação tópica do saber, prevalente entre os retóricos, que privilegiava faculdades não puramente reflexivas, como o *ingenium* (engenho), ressaltava a capacidade de encontrar os argumentos para o bem julgar, pois tinha como preocupação a vida prática.

hoje, também com este mesmo método se ensina de modo tal que são todas esgotadas as fontes de toda eloquência que seja verossímil, rica, perspicaz, ornada, clara, ampla, inflamada, e também capaz de exprimir os caracteres humanos. (...) Aqui os mais doutos, como disse acerca da prudência na vida civil, objetarão que os quero cortesãos, e não filósofos⁷³.

No entender de Vico, principiar prematuramente com a crítica pode acarretar um descompasso insolúvel na formação do modo de pensar e conseqüentemente de agir dos jovens na sociedade. A vida civil termina ameaçada em seu aspecto mais tênue, pois o enrijecimento do juízo prejudica as faculdades humanas mais espontâneas e primitivas: tais como o engenho, a memória e a fantasia. O atrofiamento dessas faculdades causa a fragilização da capacidade de aprendizado dos saberes relativos à moral, à prudência, responsáveis pela prática na vida comum. Daí o alerta de Vico:

Mas os sábios, os quais, mesmo entre as tortuosidades e às incertezas da vida prática, objetivam sempre o eterno verdadeiro, quando se lhes torne impossível tomar o caminho exato, contornem o obstáculo e tomem decisões úteis a longo prazo e apesar de naturalmente possível. (...) procedem erroneamente aqueles que adotem na prática da vida o método de julgar próprio da ciência. (...) E uma vez que não cultivaram o senso comum nem jamais perseguiram as verossimilhanças, contentes somente com a verdade, não apreciam como concretamente a pensam os homens (...): o que não só para os simples cidadãos, mas também para os *ottimati* e para os soberanos foi atribuído o gravíssimo defeito e por vezes foi de grande dano e ruína⁷⁴.

⁷³ VICO, G. *De nostri temporis studiorum ratione*, p. 812: “oggi pur con questo stesso metodo, si insegna in modo tale che sono tutti inariditi i fonti di ogni eloquenza che sia verisimile, ricca, acuta, ornata, chiara, ampia, infiammata, nonché capace di esprimere i caratteri umani. (...) Qui i più dotti a quanto ho detto circa la prudenza civile obiteranno forse che li voglio cortigiani, e non filosofi”.

⁷⁴ VICO, G. *De nostri temporis studiorum ratione*, p. 810: “Ma i sapienti, i quali, pur tra le tortuosità e le incertezze della vita pratica, mirano sempre all’eterno vero, quando riesca loro impossibile prendere la via retta, aggirano l’ostacolo e prendono decisioni utili a lunga scadenza e per quanto naturalmente possibile. (...) procedono erroneamente coloro che adottano nella prassi della vita il metodo di giudicare proprio della scienza. (...) E poiché non hanno coltivato il senso comune né mai perseguito le verisimiglianze, contenti della sola verità, non apprezzano come in concreto la pensino gli uomini (...) il che non solo per i semplici cittadini ma anche per gli ottimati e per i sovrani è stato attribuito a gravissimo difetto e talvolta fu di gran danno e rovina”.

Referências bibliográficas:

- ARNAULD, Antoine et NICOLE, Pierre. *La Logique ou l'art de penser* [1662]. France: Flammarion, 1970.
- BAFFETTI, G. *Retorica e Scienza: cultura gesuitica e Seicento italiano*. Bologna: Clueb, 1997.
- BORDOGNA, A. *Gli idoli del foro. Retorica e mito nel pensiero di Giambattista Vico*. Roma: Aracne, 2007.
- CAMBI, M. *Giacinto Gimma e la Medicina nel suo tempo. Storia di un polemica nella Napoli di Giambattista Vico*. In: *Bollettino del Centro di Studi Vichiani XX*. Edizioni di Storia e Letteratura: Napoli, 1990.
- CIRILLO, A. *Napoli ai tempi di Giambattista Vico*. CUZZOLIN: Napoli, 2000.
- CROCE, Benedetto. *Storia del regno di napoli*. Bari: Gius. Laterza & figli, 1944.
- DE RUGGIERO, M. G. *La Napoli gentile di Giambattista Vico. Curiosità, storie e suggestioni*. Napoli: Grimaldi & C. Editori, 2008.
- DESCARTES, R. *Discours de la méthode* (1637). Paris : Vrin, 2000.
- _____. *L'Homme* [1733]. In : *Œuvres de Descartes*, tome IV. Paris : Libraire F. G. Levrault, 1824.
- _____. *Les Passions de l'âme* (1649). Paris : P.U.F., 1988.
- _____. *Les Principes de la Philosophie* [1647]. Première partie – Lettre Préface. Paris : Libraire Philosophique J. Vrin, 1999.
- GIANCOTTI, E. *Philosophie et méthode de la philosophie dans les polémiques sur Descartes en Italie entre le XVIIème et le XVIIIème siècle*. In: *Problématique et réception du Discours de la méthode et des Essais*. Textes réunis par Henry Méchoulan. Paris: Libraire Philosophique J. Vrin, 1988.
- GIORDANO, P. *Vico filosofo del suo tempo*, Padova: Cedam, 1944.
- MAZZOLA, R. *Vico all'Accademia del Medinacoeli*. In: *Bollettino del Centro di Studi Vichiani XX*. Edizioni di Storia e Letteratura: Napoli, 1990.
- NUZZO, E. *Il congedo della "Saggezza moderna" nella cultura napoletana tra '600 e '700: Vico e la tradizione dei "Moralisti"*. In: *Bollettino del Centro di Studi Vichiani XVII-XVIII*. Edizioni di Storia e Letteratura: Napoli, 1987-1988.
- VICO, G. *De nostri temporis studiorum ratione* [1708]. In: *Opere Filosofiche*, Firenze: Sansoni, 1971.
- _____. *Lettere*. In: *Opere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2007, 4ª ed.
- _____. *Opere*, edite, con introduzione, traduzione e note da Andrea Battistini, Milano: Mondadori, 2007.
- _____. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1728]. In: *Opere Filosofiche*, Firenze: Sansoni, 1971.